

B: DELITANTE - MARTINS PENA

Ato Único

Sala em casa de José Antônio. No fundo, porta de saída à direita e esquerda, portas que dão para interior. Rica mobília de mogno. À direita, um piano, sobre o qual estarão várias músicas, e à esquerda, um sofá, sobre o qual estará uma viola.

CENA I

Ao levantar do pano, José Antônio está junto do piano arranjando as músicas.

JOSÉ ANTÔNIO- Hoje havemos de cantar alguns pedaços de Norma (lendo uma música) Qual cor tradiste... Há de ser este dueto. Que música (põe à parte) O pior é não termos um tenor... Arremediarei. (lendo outra música) Nel cor niú non mi sento... Xi, que isto é velho que é diabo! (joga para o lado e procura de novo) Não acho a cavatina. Josefina? O Josefina vem cá. Quero que todas em minha casa cantem. Não há nada como a bela música. Arte divina.

CENA II

Entra Josefina.

Josefina- Chamou-me meu pai?

José Antônio- Vem cá, loucazinha. Que fizeste da Casta Diva?

J.- Está sobre o piano.

J.A.- Vailprocurá-la:

J.- Quer cantá-la?

J.A.- Divirta-se a menina comigo.

J.- Se é para eu cantar, não procuro. Já não posso a-turá-la: É mçada!

J.A.- Que dizes, bárbara? A Casta Diva maçada? Esta sublime produção do sublimíssimo gênio?...

J.- Será sublimíssimo, mas como há algum tempo não cá que eu a tenho ouvido todas as dias cantar miada, assobiado e estropiado por essas ruas não posso suportar. Todas cantam a Casta divina.

Assinado por José Antônio

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. G. 344

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



J.A.-E o mais é que tem razão! Ouve-se daqui: canta-a com voz fanhosa; ouve-se dali: canta-a com voz muito fina. Mais adiante um moleque a assobia. Entendam-na! Assassinem-na! Mas tu canta bem.

J. Obrigada, mas não a cantarei mais!

J.A.- Está bom; mas hás de cantar o dueto: Mira, o Norma, a tuoi ninonchi...(cantando-a)

J.- rindo-se Ecom quem? O senhor meu pai faz a parte / de Norma?

J.A.- Com tua mãe.

J.- ri-se Mamãe cantando! Ela que apenas canta a Maria/ Cachucha quando está cosendo, e isso mesmo desentoadíssima/ Ora papai!

J.A.- Eu lhe darei algumas lições. É preciso hoje cantar-mos alguma coisa, para que mostres as tuas preadas e nos so Hóspede.

J.- Pois eu não quero mostrar-lhe nada.

J.A.- Pois quero eu!

J.-Um homem tão feio!

J.A.- Feio, mas rico. Seria um bom casamento para ti, / el o desejo...

J.- E eu não senhor.

J.A.- Queres-te casar com algum destes bonifrates, que andam pelas ruas desta cidade. Que não têm onde cairem mortos? E que andam especulando casamento? Nada; o meu dinheiro não é para esses especuladores. O Sr. Marcelo não está / nesse caso; é homem de bem, abastado e muito considerado lá em São Paulo; ainda pode ser deputado e mesmo senador.

J.- O papai hoje está para serpões; vou-me embora.

CENA. III

J.A.-É uma louquinha, mas tem bom coração. Por isso quero que encontre um marido que a faça feliz como merece. O amigo Marcelo é homem rico, honesto e bom, ainda que rústico. Coitado nunca saiu de São Paulo! É a primeira vez que vem à Corte; anda espantado; só uma coisa me desgosta nele; o / não gostar de música. Levei-o ontem ao teatro para ouvir / Norma e dormiu a sono alto durante toda a representação.

CENA IV

Entra Marcelo vestido à paulista.



M.- Deus lhe deu muitas boas coisas...

J.A.- Oh, como tem a cidade? Ainda hoje não é vi...

M.- Tenho andado passeando pela cidade.

J.A.- Aonde foi?

M.- À rua do Ouvidor. Vi muitas coisas bonitas penduradas / nas vidraças e umas figuras que pareciam gente viva, andan- do assim à roda.

J.A.- Isso é na casa dos cabelereiros.

M.- É isso mesmo, que lá vi muitos cabelos nas portas. Entrei numa casa onde estavam tocando um instrumento muito bonito; o homem tocava assim. (faz ação de que toca realejo)

J.A.- Foi no canto do beco das cancelas. É um realejo que cha- ma os tolos.

M.- Há de ser isso mesmo. É bem bonito; hei de levar um co- migo. Depois parei defronte de uma espingarda muito grande / que está metida na parede. Porém o que mais me zangou foi a uma ladroeira que vi em muita casa.

J.A.- O que foi?

M.- Um homem trepado em cima dos balcões, com um martelo de pau na mão, gritando: Trezentos réis, quatrocentos, réis, se- nhores!.. E os tolos fazendo roda, a olharem para ele.

J.A.- rindo-se É bom! É uma casa de leilão.

M.- Leilão ... São modos de esperteza que os estrangeiros in- ventam para um pobre homem comprar a fazenda sem examinar. Não sou eu que caio nessa- não compro porcos na lama. Quero ver o que compro.

J.A.- O patrício não deixa de ter razão- os tais meninos, / quanto pior é a fazenda, mais depressa falam! Que de logros / não tem pregado por esta cidade.

M.- Enfim, na rua do Ouvidor é confusão de coisas e de gen- tes a passarem de haixo para riba e a fazerem uma bulha tal que me fizeram tonto. Tomara-me já em São Paulo! (senta-se / no sofá).

J.A.- Homem, goze primeiro os prazeres da corte. Não queira enterrar-se em vida no Sertão. Vá ao teatro ouvir Norma, / Belisário, Ana Bolena, Rurioso.

M.- Não acho graça nenhuma. Umas cantigas que eu não perce- bo e que não se pode dançar. Não há nada como



J.A.- Que horror preferir um fado à música italiana! (à parte)
O que faz a ignorância.

M.- É que o senhor ainda não ouviu um fadinho bem rasgadinho e bem choradinho. (pega na viola e afina enquanto J.A. fala)

J.A.- Nem quero ouvir! Não diga isto a ninguém que se descredita, A música italiana, meu amigo, é o melhor presente/ que Deus nos fez, é o alimento das almas sensíveis.

M.- Pois o meu alimento é feijão com toucinho, fubá de milho e lombo de porco.

J.A.- Que blasfêmia! (a parte) É o que faz a ignorância!

M.- Que graça acha o senhor na música? Não me dirá.

J.A.- Que graça? uma graça divinal e sentimental! Quando eu/vou ao teatro e ouço esses sublimes acordes, esses harmonias brilhantes, essa melodia arrebatadora, sinto-me outro... O prazer enleva-me; quero aproveitar a mais pequena nota e/ estendo o pescoço, aplico o ouvido e sinto que não me desse Deus umas orelhas mais compridas para aproveitar o mais pequeno átomo de harmonia.

M.- olhando muito admirado para J.A. - não lho entendo...

J.A.- Quando uma música toca no fundo da minha alma, dá-me/vontade de fazer um despropósito; beijar-me pelo chão... Ah, meu amigo que sensação deliciosa!

M.- Cuidado, que a música lhe dá de fazer doido.

J.A.- Não o diga brincando.

M.- É homem!

J.A.- Quando estou no teatro ouvindo estas celestes inspirações, dá-me vontade de matar a todos que me pertubam com/as suas conversas e tosses. Quem quer conversar fique em casa e quem tem tosse tome xarope e vá-se deitar, e não incomode aos mais. Um dia faço uma anneira!

M.- Não diga isso, homem de Deus!

J.A.- Ainda ontem estava ouvindo aquele belo ducto- Qual cor tradisti... (cata). Um bárbaro que estava sentado a meu lado ^{ESPICOU ESTRONDOSAMENTE} ~~deu um grito estrondoso~~ na ocasião mais patética! Deu-me/vontade de lhe dar uma dentada no nariz e lho arrancar.

M.- Riudo-se Tirar o nariz do homem por causa da música!

J.A.- Patrícia, você não sabe do que é capaz uma música te.



M.- Dilettante? Não sei que coisa...

J.A.- Olhe, um dia acordei com a firme intenção de separar-me de minha mulher...

M.- Então por que patricio?

J.A.- Sonhei que estava ouvindo a Malibram.

M.- Malibram?

J.A.- Sim, Malibram, essa cantora com que os estrangeiros / nos quebram a cabeça. A sua voz chegava a meus ouvidos para a argentina, e fiquei de tal modo comovido e arrebatado, que acordei e ouço, ó que sacrilégio, ouço minha mulher que dorme roncando como um porco.

M.- É só por isso que queria se separar de sua companheira?

J.A.- Pois o que quer que se faça a uma mulher que ronca / quando a Malibram canta? Diga?

M.- Por isso é que digo que não há nada como um fadinho. Ainda que se ronque, não faz mal - até mesmo é bonito (toca e canta com voz muito alta) Faça o obséquio de roncar; verá como fica bonito: Adeus Curitiba etc...

J.A.- Cale-se, cale-se com os diabos! Que música infernal! Quer assassinar-me! (tapa os ouvidos) Então? Vou-me embora!

M.- para de cantar Isto é que é bom, patricio!

J.A.- É o... Não me faça dizer desprósitos! Quem pode aturar semelhante gritaria?

M.- Eu, que fui criado com ela (entra o pajem)

J.A.- Ah, a música que eu mandei buscar à rua detrás do Hospício. Está bom, vai para dentro (lendo) Terzeto da Norma / Bon; há de cantar minha mulher e minha filha. Mas, o tenor? Que falta que faz um tenor! Daria tudo para ter voz de tenor Quem sabe se este sujeito é tenor? Ah, só Marcelo, o senhor será tenor?

M.- sem entender- Hem?

J.A.- Pergunto se é tenor.

M.- ~~Sim~~ TENOR?

J.A.- Sim!

M.- não sei o que seja, patricio

J.A.- à parte! O que faz a ignorancia. Com sua licença, vou levar esta música a minha filha.

M.- Levantando-se. Espere lá. Quando se arranjar...

J.A.- Homem, eu já dei a entender a menina.. e ela está muito disposta, mas eu farei a diligência *de arranjar*

se há de arranjar

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



M.- Eu espero ainda oito dias, que mais não conto. Se a meni-
na casar comigo, palavra de paulista, há de ser feliz.

J.A.- Sei disso. Conheço suas boas qualidades, estou que fa-
rá minha filha feliz. Mas há uma coisa que me aflige, ainda
dando eu de livre vontade o meu consentimento.

M.- Se aflige?

J.A.- Se a minha pobre filha for com o senhor para São Paulo
não ouvirá mais óperas italianas. É agora que se ensaia uma
que dizem ser bonita...

M.- Se lá não há óperas italianas, há coisas melhores...

J.A.- Melhores?

M.- Há muitas cabeças de gado, uma fazenda grande da qual
vai ser senhora... Podia dar mais se não fosse a rebelião
Perdâ, muito dinheiro ; não me meto noutra.

J.A.- levanta os ombros como em sinal de compaixão- Enfim/
tudo se há de arranjar... Até lá (sai)

CENA V

M.- Este pobre homem é muito tolo! Faz papa, que é boa pessoa
Vive cantando umas asneiras, uma cantiga sem pé nem cabeça/
Tomara fazer este casamento! A menina é alegre e eu gosto de
la. Tem uns olhinhos tão esportinhos! Eu seria bem feliz, se
não fosse a desagraça de minha irmã! Mas eu hei de me vingar
Sai.

CENA VI

entra Merenciana e depois Josefina.

M.- Vem para cá, vem para cá!

J.- Pobre papai (ri-se)

M.- Não te rias, que ele nos pode ouvir.

J.- espiando para dentro- Lá está ele a nossa procura.

M.- Meu Deus, o senhor J.A.- mata-me com a música! Quer por/
força que eu cante. É preciso fugir constantemente dele. Is-
é desagradável!

J.- E a mamãe por que não cante?

M.- Engraga-to?

J.- A mamãe canta bem o Caobucho.

M.- Brincas comigo? Espero . Que fazes desgras

J.- Se a mamãe quer me bater, eu toco piano
onde nos estamos.



M- Não, não, vem para cá, filhinho!

J- Não me bate?

M- Não tenhas medo. Mas sai daí. Arrim. Vivo em um tormento depois que se meteu nessa nossa gente a mania de cantoria.

J.- E eu vivo numa alegria, porque vou sempre ao teatro!

M- Divertes-te com tudo. És uma criança.

J- E a mamãe aflige com tudo; é uma...

M- Velha. Acaba!

J- Sea mamãe quer ser!

M- Hém?

J- Eu vou para o piano!

M- Espera, espera! Vai espiar se teu pai aí vem. Josefina o lha. O JA ESTÁ perdido com a música. Já ninguém o pode atuar. É um inferno!

J- Não o vejo... Está nos procurando lá dentro.

M- Meteu-se-lhe na cabeça cantar também! Um velho daqueles/ cheio de defluxo asmático. Vejam só! É uma mania insuportável! Mas o pior é querer que também cante. Ora eu a cantar.. tinha que ver... Menina, não toques deixo essa viola.

J- cheirando as mãos - Meu Deus como feio a cigarro!

M- É bem feito, para não seres bulicosa.

J- E o papai que quer que eu case com ele.

M- Com ele quem?

J.- Com o paulista.

M- Ah, não digas tal! Pois tu te havias de casar com um bicho daqueles, que a tudo diz: Senhor sim! É que anda sempre metido num ponche?

J- A mamã também não gosta do homem de ponche?

M- Arrancho-o!

J- Pois eu me rio deles.

M- Ires para São Paulo? Eu ficava num susto contínuo. Aqui lo ao lá, há tempos que não anda muito bom. Casares-te com um papa-formigas!...

J- E a mamã é capaz de dizer isso mesmo ao papai?

M- Se digo!

J- "inha cara mamãe, já que é tão boa para mim, quero-lhe / fazer um confissão. Eu amo a um moço muito bonito.

M- Ai, sem meu consentimento?

J- E a mamã, quando namorou o papá, pediu...
vovó.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



M- Evitando o assunto... Quem é o Sr. Gaudêncio?

J- Isto não responde. Quem é? A pergunta está muito. É o Sr. Dr. Gaudêncio, que veio há dois anos de São Paulo.

M- Ah, menino, logo um doutor de São Paulo! Se ao menos fosse de Paris ou de Coimbra!

J- E em que valem mais os de Paris ou de Coimbra?

M- Em muitas coisas! Basta dizer que os de S. Paulo não possem o mar, e que todos os anos chegam-nos nos centos... Encontra-se em cada cento. E quanto mais houverem, pior; menos que fazer encontram. Nem todos podem ser juizes de Direito.

J- Pois mamã, encontrem ou não encontrem que fazer não tenho nada com isso; eu hei de me casar com o Dr. Gaudêncio, dê no que der.

M- Não há de casar!

J- Hei de me casar. Hei de me casar ou enforco-me com este lenço.

M- Filha que fazes? Larga o lenço!

J- Hei de me casar?

M- Larga o lenço!

J- Eu aperto.

M- Josefina!

J- Hei de me casar?

M- Há de te casar!

J- Com o Sr. Dr. Gaudêncio?

M- Com quem quiseres.

J- Minha mãezinha!

M- És uma louca!

J. Promete-me fazer os papéis?

M- Prometo sim!

J- E se Sr. Ricardo também, para comprometer-me. Hei também. Estas condições são boas? Prometo que é fácil de persuadir a tempo de um contrato? Hei de casar muito, primeiro e depois de casar, de que uso de direito não sabem nada.

J- Vou insistir!

M- Não sei se é insistir, pois que não sei, não sei.

CELA VII

JA, H, J

Hei de casar com o Sr. Dr. Gaudêncio!



JOSEFINA — Promete-me falar ao papá?

MERENCIANA — Prometo, sim.

JOSEFINA — E ao Sr. Marcelo também, para despersuadi-lo?

MERENCIANA — Também. *(Josefina dá beijos em Merenciana. Aqui aparece à porta José Antônio, que vendo as duas a conversarem, caminha para elas pé ante pé. Merenciana, sem ver José Antônio:)* Estás muito contente! Pensas que é muito fácil despersuadir a teu pai de um intento! Há-de custar muito, principalmente por dizer ele que esses doutores não sabem nada.

JOSEFINA — Que injustiça!

MERENCIANA — Não sei se é injustiça; ele é que diz, eu cá não! *(José Antônio metendo-se no meio de ambas e segurando-as pelos braços.)*

CENA VII

JOSE ANTÔNIO, MERENCIANA e JOSEFINA.

MERENCIANA, *espantando-se* — Ai!

JOSE ANTÔNIO — Pilhei-as! Há uma hora que as procuro! *(Josefina desata a rir.)*

MERENCIANA, *para Josefina* — De que te ris? Ora, Sr. José Antônio, deixe-me.

JOSE ANTÔNIO — Minha mulherzinha, faze-me um favor?

MERENCIANA — Qual favor, Sr. José Antônio?

JOSE ANTÔNIO — Estuda o terceto da Norma... Ei-lo aqui.

JOSEFINA — A mamã já o sabe.

JOSE ANTÔNIO — Já sabe?

MERENCIANA — O que é lá isso? Tu me ouviste cantar?

JOSEFINA — Fiz mal em dizer, mas agora está dito. A mamã queria-lhe causar uma surpresa. Canta o dueto, o terceto e o romance final. *(Ri-se.)*

MERENCIANA — Já se viu coisa igual?

JOSE ANTÔNIO — Dá-me um abraço *(Atraca-a.)* Meu amorzinho, meu anjinho!

MERENCIANA — Chegue-se para lá, que a menina nos está vendo.

JOSE ANTÔNIO — Canta esta passagem... Anda, ladrozinho!

MERENCIANA — Ora, senhor! Como quer que lhe diga que não sei e que nunca tive jeito de cantora?

JOSEFINA — Cante, mamã, não tenha vergonha.

MERENCIANA — Contigo posso! Eu... *(Quer ir para a filha; José a retém.)*

JOSE ANTÔNIO — Deixe a menina e cante.

MERENCIANA — E então? Ora, senhor, que demo se lhe meteu nos miolos? O senhor, que há um ano tinha tanto juízo e que nem sabia se existia Norma no mundo, e que só às vezes tocava a brincar e especialmente a sua valsinha?...

JOSEFINA, *ao ouvido de José* — Ateime que ela canta...

JOSE ANTÔNIO — Senhora, um marido pede até quando deve pedir; depois, manda!

MERENCIANA — Não o ouvem? Agora quer-me obrigar!

JOSEFINA, *ao ouvido do pai* — É que ela canta com o Sr. Marcelo...

JOSE ANTÔNIO, *com prazer* — Ele também canta! Oh, que satisfação! Ó patricio? Patricio?

MERENCIANA, *para Josefina* — Tu me pagarás! *(Corre para dentro.)*

JOSEFINA, *gritando* — Mamã, não fuja! *(José Antônio, ouvindo a voz de Josefina, volta-se, e vendo*



a mulher fugir, corre atrás. Esta consegue sair de cena, e José segue-a. Josefina, que fica só, ri-se. Josefina:) Isto está divertido! Que mania!

CENA VIII

Entra MARCELO.

MARCELO — Quem me chama? *(Vendo Josefina.)* Oh, às suas ordens...

JOSEFINA — Foi meu pai que o chamou. Que figura!

MARCELO — Que olhos matadores!

CENA IX

Entra JOSÉ ANTÔNIO trazendo MERENCIANA pelo braço.

MERENCIANA — Não há meio de escapar a um doido!

JOSÉ ANTÔNIO — Estou estafado! Ó patricio, venha cá, já sei que canta com minha mulher.

MARCELO — Que eu canto com sua mulher? Que eu saiba, não senhor.

JOSÉ ANTÔNIO — Quer também fazer-se rogado, como uma moça! Deixe isso para a tola da minha mulher. Venha cá.

MERENCIANA, *repentinamente* — Dê cá a música! *(Toma e abre.)*

JOSÉ ANTÔNIO — Bravo! Faça a segunda, patricio!

MERENCIANA, *cantando desentoadamente* — Tra lá lá lá! Tra tra lá lá!

JOSÉ ANTÔNIO — O que é isto, o que é isto? *(Josefina e Marcelo riem-se.)*

MERENCIANA — É a Norma! É o dueto! Cante, Sr. Marcelo, para contentar a meu marido! *(Cantando:)* Tra lá lá lá tra tra lá lá lá... *(Marcelo cai sentado no sofá, rindo-se.)*

JOSÉ ANTÔNIO — Não é assim, não é assim! Está tudo estropiado! Vem para o piano, que eu quero acompanhar.

JOSEFINA — Vamos para o piano.

MERENCIANA, *com resolução* — Vamos! *(José Antônio senta-se ao piano; Merenciana fica em pé de um lado e Josefina de outro.)*

JOSÉ ANTÔNIO, *do piano* — Venha, patricio.

MARCELO, *do sofá* — Canto daqui.

JOSÉ ANTÔNIO — Nada, venha para cá!

MARCELO — Não senhor, daqui mesmo.

JOSÉ ANTÔNIO — Pois bem, mas cante alto.

MARCELO — Senhor sim, cantarei o que sei...

JOSÉ ANTÔNIO — Atenção! *(Toca no piano a introdução do dueto da Norma; logo que deve principiar o canto diz José Antônio: Agora! Merenciana canta como no principio. Ao dizer estas palavras, Marcelo, que disfarçadamente tomou a viola, principia a cantar em voz alta, acompanhando-se com a viola.)*

MARCELO — Sou um triste boiadeiro,
Não tenho tempo de amar:
De dia pasto o meu gado,
De noite para rondar.

JOSÉ ANTÔNIO, *levantando-se* — Cale-se com trezentos milhões de diabos, sô papa-formigas! *(Vai para Marcelo, que continua a cantar.)*

MERENCIANA — E eu safo-me! É bem-feito! *(Sai correndo e Josefina a segue.)*

JOSÉ ANTÔNIO *arranca a viola das mãos de Marcelo* — Quer-me fazer doido?



MARCELO, *impávido* — Cada um canta como sabe... O patrício pediu que eu cantasse, eu cantei.

JOSÉ ANTÔNIO — E eu lhe pedi que cantasse o fado, animal?

MARCELO, *levantando* — Animal?

JOSÉ ANTÔNIO — Animal, sim! Arre, que já não o posso aturar! Bruto!

MARCELO — Se eu não estivesse na sua casa...
(*Chamando:*) André? André? (*Para José:*) O senhor não sabe dar hospitalidade! Eu sou seu hóspede, devia-me respeitar. (*Entra André; vem vestido como um tropeiro.*) Apronta os burros, que eu hoje mesmo me vou.

JOSÉ ANTÔNIO — Espere, Sr. Marcelo, desculpe-me! Tenha paciência!

MARCELO — Animal não tem paciência...

JOSÉ ANTÔNIO — Por quem é, não desconfie! Eu não sou capaz de escandalizar um hóspede como o senhor. Faz-me o favor, assente-se. (*Quer obrigá-lo a sentar.*)

MARCELO — Está bom, ficarei. Quero mostrar que ainda que sou do mato, sou mais bem-criado do que o senhor.

JOSÉ ANTÔNIO — Muito estimo! (*À parte:*) O que faz a ignorância!

CENA X

Entra GAUDÊNCIO com uma caixa de óculo de teatro na mão.

✕ GAUDÊNCIO — Reverente criado da casa.

JOSÉ ANTÔNIO — Oh, Dr. Gaudêncio!

✕ GAUDÊNCIO, *para Marcelo* — Bons dias, patrício.

MARCELO — Deus lhe dê os mesmos. (*À parte:*) Não gosto deste homem...

✕ GAUDÊNCIO — Eis aqui o óculo que pediu-me que comprasse. É da casa do Wallerstein. O Desma-raís agora não os tem.

JOSÉ ANTÔNIO, *tomando e abrindo a caixa e tirando um óculo grande de tartaruga* — Vejamos. É bonito! E que tal será? (*Põe o óculo para os camarotes.*) É magnífico! Um verdadeiro diletante não deve estar sem óculo, para gozar o frangir da testa, o arregalar dos olhos e o entumescimento da veia dos cantores de sua predileção.

MARCELO — *ri-se* — Ah! Ah!

JOSÉ ANTÔNIO — De que se ri?

✕ GAUDÊNCIO, *ao mesmo tempo* — Achou graça?

MARCELO — O senhor com estas duas coisas nos olhos parece-me um boi com dois chifres...

✕ GAUDÊNCIO — E o senhor com que se parece, com essa bota enlameada e esse ridículo ponche? Que cara! Sô tanajura!

MARCELO — Com que me pareço? (*Abaixa e tira das botas uma faca grande; o que vendo Gaudêncio, dá um salto para o lado.*)

✕ GAUDÊNCIO — Não brinque!

JOSÉ ANTÔNIO — O que é isto, patrício?

MARCELO, *para Gaudêncio* — Vem cá, carioca, quero te dizer com que me pareço...

JOSÉ ANTÔNIO — Então? Tenha prudência!

MARCELO — Queres brincar com o paulista? (*Anda para Gaudêncio, que recua. José Antônio está no meio deles.*)

✕ GAUDÊNCIO — Tenha mão nele, Sr. José Antônio!

JOSÉ ANTÔNIO — Patrício! Patrício!

MARCELO — Tenho pena de ti! (*Mete a faca nas botas, volta as costas e sai.*)



Teatro de Armas
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.023 - CEP 91020-025

GAUDÊNCIO e JOSÉ ANTÔNIO.

X GAUDÊNCIO — Que tal o paulista? Safa! Por isso há tantas mortes aí pelo interior. Por qualquer coisa, tome lá você uma facada, ou um tiro de bacamarte. Por isso é que nas eleições corre tanto sangue.

JOSÉ ANTÔNIO — Cale-se, cale-se, que não quero saber dessas coisas! O senhor é que teve a culpa; foi escandalizá-lo.

X GAUDÊNCIO — Ele é que o escandalizou, dizendo que o senhor parecia-se com um boi com chifres. Mandé esta onça embora.

JOSÉ ANTÔNIO — Isso não se faz assim! Ele é homem rico e considerado lá em S. Paulo. Anda mal vestido porque assim foi criado e não há forças humanas que o façam mudar. Não se ajeita com uma casaca. Tem gostado muito da Josefina, e pediu-ma.

X GAUDÊNCIO, à parte — Mau! (Para José Antônio:) Pois o senhor atreve-se a sacrificar sua filha, casando-a com um homem tão assomado, que puxa uma faca pela menor palavra e que é capaz de fazer uma morte e acabar na forca?

JOSÉ ANTÔNIO — Tudo fosse isso! Puxar uma faca não vale nada; o diabo é ele não gostar da Italiana.

X GAUDÊNCIO — Pois acha não gostar de música pior?

JOSÉ ANTÔNIO — Mil vezes!

X GAUDÊNCIO, à parte — Ah, bom! Isto me servirá...

JOSÉ ANTÔNIO — Hei-de lhe dar algumas lições, e ele tomará gosto.

X GAUDÊNCIO, à parte — É preciso desviá-lo deste intento. (Para José Antônio:) Acho que tem muita

razão em dizer que pior não gostar de música, do que dar facadas. O homem pode ser ladrão e assassino sem que tenha má índole. Essas péssimas inclinações provêm quase sempre de uma educação mal dirigida; os bons exemplos e a Casa da Correção o podem emendar; mas aquele que não gosta de música?... Nasceu com alma mal conformada! É um perverso!

JOSÉ ANTÔNIO — Perverso, diz o senhor? É um monstro! O que não se extasia com os suaves encantos da harmonia não tem alma e...

X GAUDÊNCIO — É incorrigível!

JOSÉ ANTÔNIO — Capaz dos maiores crimes!

X GAUDÊNCIO — Feroz!

JOSÉ ANTÔNIO — Antropófago! Meu caro amigo, eu estou bem persuadido que Robespierre, Pedro Espanhol, os ladrões da Caqueirada e Remecheda e todos aqueles de que nos fala *Os Mistérios de Paris* não gostavam de música.

X GAUDÊNCIO — Isto está provado...

JOSÉ ANTÔNIO — Ah, já está provado? Não o dizia eu? É para ver. Ouça aqui muito em segredo — é ao senhor a primeira pessoa a quem digo; não quero que roubem-me a idéia.

X GAUDÊNCIO — O que é?

JOSÉ ANTÔNIO — Preparei um trabalho que será de grande transcendência moral! Que terá resultado estupendíssimo e que muito lucrará com ele a sociedade.

X GAUDÊNCIO — Excita a minha curiosidade!

JOSÉ ANTÔNIO — Numa palavra, provo nesse trabalho toda evidência que se se criasse uma escola de música vocal e instrumental em toda prisão e presigangas, em breve os crimes desapareciam da face da terra.



× GAUDÊNCIO — Dê-me um abraço! Grande homem! Que idéia luminosa e sublime!

JOSÉ ANTÔNIO — Criadas essas escolas, as funções do júri seriam mais suaves e humanas. Do seu seio não sairiam condenações de prisão, galé e morte; seriam suas sentenças assim formuladas: Condeno ao réu fulano, por crime de roubo, com infração, a um ano de frauta. Ou: Condeno ao réu sicrano, por crime de assassinato, com circunstâncias agravantes, a quatro de fagote e canto vocal. E assim por diante. Enfim, o júri se dirigiria por um Código Musical que fosse dando a última demão. É impossível que assim os maiores criminosos não se emendassem...

× GAUDÊNCIO — Impossibilíssimo! *(Com exaltação:)* O assassino armado de aguda e açacalada espada, frenético, delirante, sedento de sangue humano, com a destra alçada *(levanta o braço e bengala)* e com a sinistra apoderando-se da vítima... *(Agarra com a mão esquerda a gola da casaca de José Antônio, que se assusta.)*

JOSÉ ANTÔNIO — O que lá isso?

× GAUDÊNCIO, *continuando* — ...que, trêmula e oprimida, implora compaixão e que nada no mundo antigo e moderno seria capaz de livrar a sua vítima e sustentar o seu criminoso braço, se ouvisse suave melodia... *(canta com ternura)* deixaria cair o ferro e, prostrado de joelho, *(ajoelha-se)* pediria perdão à sua vítima!

JOSÉ ANTÔNIO — Estou comovido! Levante-se, meu amigo! *(Enxuga os olhos.)*

× GAUDÊNCIO — É preciso que eu também diga o meu segredo; já não me posso calar. A sua franqueza excita a minha. *(Com mistério:)* Eu sei cantar!

JOSÉ ANTÔNIO *com grande prazer* — Sabe cantar? Deveras? Sabe cantar?

× GAUDÊNCIO — Há seis meses que tenho mestre... Queria causar-lhe uma surpresa.

JOSÉ ANTÔNIO — Causou-me, causou-me, meu querido amigo! Ora diga-me, que voz tem?

× GAUDÊNCIO, *à parte* — Os diabos me levem, se eu sei que voz tenho! *(Para José Antônio:)* Ah, quer saber que voz tenho?

JOSÉ ANTÔNIO — Sim, quero saber se é tenor, baixo ou barítono.

× GAUDÊNCIO — De qual destas vozes gosta mais?

JOSÉ ANTÔNIO — De tenor.

× GAUDÊNCIO — É a minha voz!

JOSÉ ANTÔNIO — Oh, que satisfação! Um abraço! Então a sua voz sobe muito?

× GAUDÊNCIO — Pois não! Sobe até acima!

JOSÉ ANTÔNIO — E tem bom falsete?

× GAUDÊNCIO, *à parte* — Em boas me meti! *(Para Antônio:)* Olá, pergunta se eu dou falsete?

JOSÉ ANTÔNIO — Justamente. Se é bem sustentado, e se o dá com firmeza e suavidade...

× GAUDÊNCIO — Pois que pensa? O falsete? Não há nada como o falsete! Tenho-lhe uma afeição particular. Todos os dias não faço outra coisa... E o meu amigo também dá o falsete?

JOSÉ ANTÔNIO — Nada; o diabo do defluxo asmático não me deixa.

× GAUDÊNCIO — Eu o lastimo! O falsete é o maior prazer que um homem pode ter neste mundo.

JOSÉ ANTÔNIO — Venha cantar um pouco; quero ouvi-lo.

× GAUDÊNCIO, *à parte* — Esta agora é pior! Estou em talas! *(Para Antônio:)* Agora não posso, estou rouco...



JOSÉ ANTÔNIO — Isso é desculpa de cantora...
Um bocadinho só; faça-me este obsêquio!

→ GAUDÊNCIO — Bem quisera servi-lo...

JOSÉ ANTÔNIO, *puxando-o pelo braço* — Venha, venha! Que felicidade para mim, se eu tivesse um genro que fosse tenor!

→ GAUDÊNCIO, *à parte* — Ah! *(Para Antônio:)*
Pois bem, cantarei um pouco.

JOSÉ ANTÔNIO — Bravo! *(Assenta-se ao piano.)*
O que quer cantar?

→ GAUDÊNCIO, *junto a Antônio* — O que quiser... Tudo é o mesmo...

JOSÉ ANTÔNIO — A ária de Belisário — *Trema Bisâncio?*

→ GAUDÊNCIO — Essa mesma! *(Antônio toca no piano a introdução da ária acima; na ocasião em que Gaudêncio deve cantar, concerta a voz.)*

JOSÉ ANTÔNIO — Então?

→ GAUDÊNCIO — Estou consertando a voz; principie outra vez... *(Principia de novo a introdução.)*

JOSÉ ANTÔNIO — Agora! *(Gaudêncio abre a boca para cantar e finge-se repentinamente engasgado.)*
O que é isto?

→ GAUDÊNCIO, *saindo para o meio da sala, fingindo-se sempre engasgado* — Foi uma mosca que entrou-me nas goelas! Ai!

JOSÉ ANTÔNIO, *seguindo-o* — Escarre! Ainda não saiu? *(Gaudêncio sempre engasgado.)* Espere! *(Dá-lhe um murro nas costas.)*

→ GAUDÊNCIO — Ai!

JOSÉ ANTÔNIO — Ainda não? Ó lá de dentro, tragam água!

→ GAUDÊNCIO — Parece-me que a engoli...

JOSÉ ANTÔNIO — Então podemos cantar.

→ GAUDÊNCIO — Cá está, ainda, cá está! *(Metendo o dedo na boca.)*

JOSÉ ANTÔNIO — Eu vou buscar água. *(Sai correndo.)*

CENA XII

GAUDÊNCIO e JOSEFINA.

→ GAUDÊNCIO — Em boa me meti eu! Agora é preciso sustentar a mentira que sei cantar... Não sei como há-de ser! *(Josefina, que da porta espreita, depois que Antônio sai, encaminha-se para Gaudêncio sem que ele a veja, por estar de costas, correndo na ponta dos pés. Logo que chega junto dele, toca-lhe no braço. Gaudêncio julga que é Antônio que está de volta com a água que foi buscar, e finge-se de novo engasgado.)*

JOSEFINA — Sou eu! *(Apressada.)*

→ GAUDÊNCIO — Ah!

JOSEFINA — Meu pai quer que eu me case com o paulista...

→ GAUDÊNCIO — Com o paulista? Isso agora é maior engasgadela...

JOSEFINA — Continue a dizer que sabe cantar, cante mesmo alguma coisa... A mamã é por nós. Cante, cante, que conseguirá tudo do papá. *(Corre para dentro.)*

→ GAUDÊNCIO — Espere, espere! *(Josefina sai.)*
Que eu cante? É bom de se dizer! Casar-se com o paulista? Adeus! Saia o que sair, dou exercício à goela... *(Entra um pajem com uma carta e entrega a Gaudêncio.)*

CRIADO — Uma carta para o senhor, que acabam de trazer.



GAUDÊNCIO — Dê cá. (*O criado sai. Gaudêncio abre a carta e fica surpreso.*) Que desgraça! (*Toma o chapéu e sai apressado; ao meter a carta na algibeira, esta cai sem que ele o pressinta.*)

CENA XIII

Logo que GAUDÊNCIO sai, entra MARCELO.

MARCELO, *vendo a carta* — Um papel? (*Apanha-o.*)

CENA XIV

JOSÉ ANTÔNIO e MARCELO.

Entra JOSÉ ANTÔNIO com um copo de água na mão; vem com tanto cuidado no copo, que não repara na pessoa que está em cena, e toma MARCELO por GAUDÊNCIO.

JOSÉ ANTÔNIO — Aqui está a água, beba.

MARCELO, *tomando o copo* — Obrigado! (*Bebe a água.*)

JOSÉ ANTÔNIO, *espantado* — Oh!

MARCELO — O patricio adivinhou que eu estava com sede? Está o copo.

JOSÉ ANTÔNIO — Aonde está o Sr. Dr. Gaudêncio?

MARCELO — Que eu visse, não senhor.

JOSÉ ANTÔNIO — E esta!...

MARCELO — Patricio, então, que tem dito a menina?

JOSÉ ANTÔNIO — Que não quer. Que não quer casar-se com um homem que não sabe música. E tem razão! (*À parte:*) Já não o posso aturar! Sem dúvida foi ele que fez sair o tenor... E fiquei privado deste prazer! (*Sai.*)

CENA XV

MARCELO e MERENCIANA.

MARCELO, *só* — Ah, não quer? Pois eu também não quero! Pensam que hão-de mangar com o paulista? Vou-me embora hoje mesmo! (*Vai para sair. Entra Merenciana.*)

MERENCIANA, *entrando* — Faz-me o favor?

MARCELO, *voltando* — Aqui estou, que quer de mim?

MERENCIANA — O senhor é homem de bem...

MARCELO — E quem o duvida?

MERENCIANA — Ninguém. E sendo assim, espero que não ateimará com meu marido para que lhe dê minha filha.

MARCELO — Esteja descansada, que não ateimo mais.

MERENCIANA — Deveras?

MARCELO — Palavra de paulista! Paulista não volta atrás!

MERENCIANA — Quanto me alegro! Olhe, Sr. Marcelo, não é por fazer pouco no senhor que eu não desejo que se case com minha filha, não. É porque ela ama ao Sr. Dr. Gaudêncio...

MARCELO — Pois tem bom gosto...

MERENCIANA — E eu protejo os seus amores. E não quero que ela se case e separe de mim.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MARCELO — Pois bem, senhora, fique-se com sua filha...

MERENCIANA — E demais, minha filha casada com o senhor havia de ser infeliz.

MARCELO — E por quê?

MERENCIANA — O senhor é paulista, e mais dias menos dias, há-de vir a ter papo... E a menina tem muito medo dos papos.

MARCELO — Pois, senhora, fique descansada, que eu me vou hoje mesmo e que não hei-de meter medo a sua filha. Que gente!

MERENCIANA — Não sabe quanto lhe sou agradecida.

MARCELO — Não há de quê.

MERENCIANA — Com sua licença. *(Sai fazendo mesuras.)*

CENA XVI

MARCELO, só.

MARCELO — Não era à toa que eu tinha raiva daquele sujeito! Esta gente toda está doida... Vejamos o papel. *(Lendo:)* "Sr. Gaudêncio!" *(Deixando de ler:)* É para ele! *(Lendo:)* "Escrevo-te esta às pressas. A tua amante sabe que frequêntas a casa do Sr. José Antônio com tenção de te casares com a filha. Está desesperada; saiu de casa com os teus dois filhos e jura vingar-se. Cuidado! Teu amigo, Júlio." *(Deixando de ler:)* E então? Que me dizem a esta? O sujeito tem uma moça e dois filhos, e quer enganar a outra! Vou dizer tudo... Mas não! Como me tratam de resto, eu me hei-de vingar calando a boca... *(Guarda a carta.)* E quando minha pobre irmã foi também seduzida e roubada, uma só alma de Deus não me

avisou, para eu vingá-la! Que me importo com os mais? *(Marcelo vai a sair e entra Josefina.)*

CENA XVII

JOSEFINA e MARCELO.

JOSEFINA, *entrando* — Sr. Marcelo?

MARCELO, *voltando* — Quem me chama? Ah!

JOSEFINA — Faz-me o obséquio? A mamã contou-me o que há pouco passou-se aqui com o senhor.

MARCELO — Pois então, muito estimo... *(Quer sair.)*

JOSEFINA, *retendo-o* — Ouça! Eu não dormiria tranqüila, se soubesse que há no mundo uma pessoa mal comigo... Venho pedir-lhe perdão.

MARCELO — Perdão a mim?

JOSEFINA — Antes de o senhor chegar de São Paulo eu já conhecia o Senhor Doutor e o amava. Assim, não leve a mal que eu o prefira... Perdoa-me?

MARCELO — Menina, eu queria sair de sua casa, onde se me tem maltratado, sem dizer uma palavra, para me vingar; mas a sua candura me desarma. Conhece muito bem o tal Senhor Doutor?

JOSEFINA — Há dous meses que frequênta a nossa casa, e tem-me parecido bom moço.

MARCELO — E não sabe mais nada?

JOSEFINA — O senhor assusta-me!

MARCELO — Há dous anos, um homem, negociante cá no Rio, esteve lá em S. Paulo, aonde foi cobrar uma dívida. Demorou-se oito dias em nossa casa. Eu estava então no serro. Minha mãe e minha irmã o receberam com agasalho, e esse homem pagou a hospitalidade seduzindo e roubando minha irmã.

JOSEFINA — Oh!



one 226.0242 - CEP 90020-025
Av. Borges de Medeiros, 835
Teatro de Arena

MARCELO — Moça e inexperiente, acreditou em suas palavras traiçoeiras e, coitada! esqueceu-se de mim e de nossa mãe, que passa a vida chorando.

JOSEFINA — Desgraçada!

MARCELO — Quando eu soube, pus-me a caminho. Quinze dias e quinze noites andei sem descanso. Cheguei à casa de minha mãe, tomei a sua bênção e continuei a jornada, trazendo por companhia minha espingarda carregada com duas balas. Outros quinze dias caminhei; cheguei ao alto da serra, sem que ninguém me desse informação de minha irmã e do seu roubador. Parei alguns instantes, chorei duras lágrimas. Tirei as balas da espingarda, que comigo guardo *(tira da algibeira duas balas, que mostra a Josefina)* para quando encontrar o malvado — e voltei a consolar minha mãe.

JOSEFINA — Pobre mãe!

MARCELO — E acabou-se a alegria de nossa casa. Eu às vezes rio-me, mas choro no coração!

JOSEFINA — Depois que está no Rio tem procurado sua irmã?

MARCELO — Tenho, mas debalde! Não sei o nome do sujeito. Quando nós damos hospitalidade, não indagamos a quem.

JOSEFINA — Oh, desculpe-me se fui despertar essa lembrança que aflige!

MARCELO, *dando-lhe a carta* — Leia esta carta e não seja infeliz como a minha desgraçada irmã. Adeus! *(Sai.)*

CENA XVIII

JOSEFINA, depois PERPÉTUA.

JOSEFINA, *com a carta na mão* — O que será? *(Lê.)* Meu Deus, será possível? *(Acabando de ler.)*

Assim enganada? Eis-me chorando. Eu, que há tanto tempo não choro! Ingrato! Hei-de vingar-me de ti casando-me com o paulista! É preciso falar à minha mãe! *(Quando volta para sair, aparece-lhe à porta D. Perpétua com dois filhinhos pela mão.)* Quem é?

PERPÉTUA, *entrando* — Perdoe-me, minha senhora, se a venho importunar...

JOSEFINA, *com bondade* — Não me importuna. Se quisesse ter a bondade de dizer-me quem é?

PERPÉTUA — Sou uma desgraçada que venho implorar a sua bondade e compaixão, e porque sei que está nas suas mãos o não ser eu mais infeliz do que sou...

JOSEFINA — Quem será?

PERPÉTUA — Como eu, é a senhora moça e inexperiente, e como eu, também pode ser enganada...

JOSEFINA — Ah!

PERPÉTUA — Não me queixo; fui culpada. Abandonei aos meus para seguir um pífido, mas meus filhos, meus inocentes filhos, que culpa têm dos meus desvarios? *(Obriga-os a ajoelharem-se.)* Eles vos pedem pela minha voz que não lhe roubeis seu pai... *(Aqui aparece à porta Antônio, que vendo o que se passa, pára surpreendido.)* ...que talvez algum dia, arrependido, ainda se compadeça deles...

CENA XIX

JOSÉ ANTÔNIO, PERPÉTUA e JOSEFINA.

JOSÉ ANTÔNIO, *caminhando para frente* — Bravo! Bravíssimo! *(As duas surpreendem-se; os pequenos conservam-se de joelhos.)* Continuem, que eu acompanho. *(Vai para o piano.)*



PERPÉTUA — Ah!

JOSEFINA — Continuar o que, senhor?

JOSÉ ANTÔNIO — Pois não é o dueto da Norma que estavam cantando?

JOSEFINA — Qual dueto! Que loucura!

JOSÉ ANTÔNIO, *caminhando para ela* — Ó filha, pois eu pensei que ias cantar. Vi estes dois pequenos de joelhos, julguei que tu ias fazer de Norma e ali a senhora de Adalgisa...

JOSEFINA — E não se enganou de todo. Somente trocou os nomes: aqui a Adalgisa sou eu, e a senhora a Norma, porque é a traida e abandonada pelo falso...

JOSÉ ANTÔNIO — Pollione?

JOSEFINA — Qual Pollione! Pelo Dr. Gaudêncio!

JOSÉ ANTÔNIO — Hem? O que estás dizendo?

CENA XX

Entra MARCELO com um chapéu branco, como os que trazem os paulistas, e uma espingarda no ombro; seguem-no ANDRÉ com outra espingarda e, após este, dois tropeiros com canastras às costas.

MARCELO, *entrando* — Adeus, gentes!

JOSÉ ANTÔNIO — Aonde vai? *(Marcelo dirige-se para a frente. André apeia; os dois tropeiros param no fundo junto ao pano.)*

MARCELO — Vou-me embora!

PERPÉTUA, *reconhecendo Marcelo* — Marcelo! Meu irmão!

MARCELO, *reconhecendo-a* — Joana!

JOSEFINA — Sua irmã?

JOSÉ ANTÔNIO, *ao mesmo tempo* — Seu irmão? PERPÉTUA, *lançando-se a seus pés* — Perdão, meu irmão, perdão!

JOSÉ ANTÔNIO, *para Josefina* — Que diabo quer isto dizer? *(Josefina conduz Antônio um pouco mais para o lado, junto ao piano, e parece que lhe conta o que sabe. Antônio dá sinais de admiração e espanto. Enquanto estes conversam mudamente a cena continua entre Marcelo e Perpétua. Enquanto esta fala prostrada a seus pés, aquele está imóvel a olhar para ela, tendo a coronha da espingarda apoiada no chão.)*

PERPÉTUA — Fui enganada! Caro tenho pago a minha loucura! Marcelo, Marcelo, meu irmão, diz-me algumas palavras! Este teu silêncio mata-me!

MARCELO, *com calma* — Levanta-te. *(Abre os braços; Perpétua se lança neles.)* Não tens culpa; mas graças a Deus que sei ele quem é, e hei-de vingar-te *(Desprende-se dos braços de Perpétua, tira um polvarinho da algibeira e principia a carregar a espingarda, e diz para André:)* Carrega tu!

PERPÉTUA — Que fazes?

MARCELO — O que está vendo... *(Carregando sempre a espingarda; o mesmo faz André.)* Agora já o conheço: Gaudêncio Mendes!

JOSÉ ANTÔNIO, *chegando-se para Marcelo* — O que isto? Carrega a espingarda?

MARCELO — É para matar a um tratante...

PERPÉTUA — Marcelo!

JOSÉ ANTÔNIO — Matar! Pois assim se mata?

MARCELO, *carregando sempre* — E por que não?

JOSÉ ANTÔNIO — O senhor pensa que está em S. Paulo? Largue a espingarda... *(Marcelo, que neste tempo tem acabado de carregar, inclina a espingarda*



para escorvar, ficando a boca dirigida para Antônio. José Antônio, ladeando:) Tire para lá a boca... Sai daí, menina! Está doido?

PERPÉTUA, angustiada — Meu Deus, meu Deus!

MARCELO, pondo a espingarda no ombro — Agora que conheço o tratante que te enganou, nem o diabo o salva! Ou há-de ser teu marido, ou morrerá! (Para André:) Quando eu fizer fogo, faz também! /

ANDRÉ — Senhor sim!

JOSÉ ANTÔNIO — Temos descarga!

MARCELO, para Antônio — Se não fosse o paulista, sua filha casava-se com um brejeiro...

JOSÉ ANTÔNIO — Casava-se? Não sei de nada!

MARCELO — E como há-de o senhor saber, se vive só cantando? Adeus! (Vai para sair.)

PERPÉTUA — Meu irmão!

JOSEFINA, ao mesmo tempo — Sr. Marcelo!

JOSÉ ANTÔNIO, ao mesmo tempo — Vem cá!

MARCELO — Deixem-me, vou vingar-me! (Caminha para a porta do fundo.)

PERPÉTUA — Desgraçado!

JOSEFINA, ao mesmo tempo — Vai matá-lo! (Marcelo, à saída, esbarra-se com Gaudêncio, que entra apressado.)

GAUDÊNCIO — Irra!

MARCELO agarra-lhe na gola da casaca e o obriga a caminhar para frente — Não me escapa!

GAUDÊNCIO — Que diabo é isso? (Inquietação nos que estão em cena.)

MARCELO, empurrando para junto de Perpétua — Conheces?

GAUDÊNCIO — Ah, é tarde! Estou perdido!

MARCELO, metendo-se no meio dos dois — Sabes quem é esta infeliz que seduziste? (N.B.: Nesta ocasião, a cena estará assim distribuída, para seu per-

feito desempenho: Perpétua e os dois filhos, Marcelo, Gaudêncio, José Antônio, André, Josefina e Merenciana.)

GAUDÊNCIO — Não é da sua conta!

MARCELO — É mais do que pensas, miserável. É minha irmã!

GAUDÊNCIO — Sua irmã!

MARCELO — Hoje mesmo há-de casar com ela!

GAUDÊNCIO — Não quero!

PERPÉTUA — Ah! (Marcelo recua dois passos e mete a espingarda à cara, apontando para Gaudêncio; o mesmo faz André. Gaudêncio assusta-se e corre para encubrir-se com o corpo de José Antônio, com quem se agarra. Marcelo procura modos de atirar sem ofender a José Antônio.)

JOSÉ ANTÔNIO — Patrício, tenha mão! Tenha mão, não atire, Patrício!

MARCELO, com a espingarda à cara — Largue, patrício, largue, que eu atiro! Atire, André! (Josefina esconde-se, abaixada atrás do piano, e Gaudêncio fica sem saber o que há-de fazer, aterrorizado. José Antônio e Gaudêncio vêem-se atrapalhados com as duas espingardas para ele apontadas. José Antônio, vendo que Marcelo está quase a atirar, agarra-se a Gaudêncio e o coloca adiante de si.)

GAUDÊNCIO, aterrorizado — Ai, ai, ai!

PERPÉTUA — Marcelo, Marcelo, que fazes? Mata-me primeiro! (Atravessa a cena e vai para Gaudêncio, que agarra-se com ela e esconde-se com o corpo desta, ficando deste modo os quatro escondidos um atrás dos outros.)

MARCELO, descansando a espingarda, para Gaudêncio — Casas-te com minha irmã?

JOSÉ ANTÔNIO e MERENCIANA — Case-se, case-se, senão morremos todos!



MARCELO — Não responde? (*Quer levar a espingarda à cara.*)

GAUDÊNCIO — Ai!

JOSÉ ANTÔNIO — Espere, espere! (*Sempre agarrado um ao outro. Para Gaudêncio:*) Case, que eu lhe dou o dote!...

GAUDÊNCIO — Pois bem, casarei!

MERENCIANA e JOSÉ ANTÔNIO — Muito bem!

MARCELO — Hoje mesmo!

GAUDÊNCIO, *sempre agarrado a José Antônio* — Quando os papéis estiverem prontos...

MARCELO — Pois senhor sim, estamos justos. (*Larga um ao outro.*)

MERENCIANA — De boa escapamos!

MARCELO, *para Perpétua* — Dê-me um abraço; tudo está reparado. Pobres meninos! (*Vendo os meninos junto ao sofá. Perpétua vai para junto dos filhos e os beija.*)

JOSÉ ANTÔNIO, *para Gaudêncio* — Tratante!

MARCELO — André, não percas este sujeito de vista — anda de vigia.

GAUDÊNCIO — O que é lá isso? Não precisa! (*André vem se pôr atrás de Gaudêncio, com a espingarda no ombro.*) E esta!

MARCELO, *para Antônio* — Ainda quer me dar sua filha?

JOSÉ ANTÔNIO — Se o pedido vai à espingarda...

JOSEFINA, *debaixo do piano, em voz trêmula* — Eu não quero!

MARCELO — Pois nem eu!

JOSÉ ANTÔNIO — Ora, meus amigos, já que tudo se arranjou a contento geral e que estamos aqui reunidos, não poderíamos cantar o final da Norma?

MARCELO — Asneira!

GAUDÊNCIO — Tolice!

MERENCIANA — Vai para o diabo!

JOSÉ ANTÔNIO — Está bom!...

CENA XXI

Entra um pajem com uma carta, que entrega a JOSÉ ANTÔNIO.

PAJEM — Esta carta que acabam de trazer para o senhor. (*Entrega a carta.*)

JOSÉ ANTÔNIO, *abrindo a carta* — Com sua licença. (*Lendo em voz alta:*) "Meu amigo, dou-lhe a mais triste e infausta nova que se pode dar a um diletante." (*Deixando de ler:*) O que será? (*Lendo:*) "Fecha-se o nosso teatro e a Companhia Italiana vai para Europa." (*José Antônio acaba de ler a carta; fica por alguns instantes trêmulo, levanta os braços, dá um pungente gemido e cai morto.*)

TODOS — Ah! (*Merenciana abaixa para socorrer Antônio. Grupo.*)

GAUDÊNCIO, *de joelhos junto de José Antônio* — Está morto!

TODOS — Morto! Que desgraça! (*Grupam-se em redor do corpo de Antônio e cai o pano.*)

FIM

